

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

CUIDAR É HUMANISMO¹

Cynthia Fleury

Cynthia Fleury é uma filósofa e psicanalista francesa, voz central do pensamento francês do *Care*, com uma participação cada vez mais ativa na esfera pública e académica. Tendo iniciado com uma tese de doutoramento em 2000 focada na noção d'*imagination vera* e intitulada *Métaphysique de l'imagination*², a sua obra crítica e reflexiva orientou-se de seguida para a filosofia política e social, confrontando-se às grandes questões da nossa época. Influenciada por *Jankélévitch*, Michel Foucault e Freud, entre outros, inseparável da sua prática clínica, e de uma postura manifestamente *engagée*, a sua escrita denota uma profunda reflexão sobre a linguagem – aspeto bem patente no seu ensaio *Mallarmé et la parole de l'imân* (2001) – explorando de modo integrado noções como a democracia (*Les Pathologies de la démocratie*, 2005), o lugar e a força do indivíduo na comunidade (*Les Irremplaçables*, 2015), a vulnerabilidade, a ética da coragem (*Reconquérir le courage*, 2017), ou ainda o ressentimento e a tolerância (*Ci-gît l'amer. Guérir le ressentiment*, 2020).

¹ Cynthia Fleury (2019). *Le Soins est un Humanisme*, Paris, Gallimard, “Tracts”, nº 6, pp. 6-8.

² *Métaphysique de l'imagination. Théories imaginaires noétiques et schèmes de la Renaissance* (Platoniciens de Perse, Platoniciens de la Renaissance, Platoniciens de Cambridge), publicada no mesmo ano sob o título *Métaphysique de l'imagination*, Paris, D'Écart, Diasthème', (reed. Gallimard/Folio, 2020).

Uma das traves-mestres do seu pensamento é conceito de saúde numa perspectiva holística e em estreita relação com as Humanidades. Cynthia Fleury é professora detentora de cátedras pioneiras como a Cátedra de Humanidades e Saúde do Conservatoire National des Arts et métiers e da “Cátedra de Filosofia” no hospital Sainte-Anne em Paris (GHU Paris-Psychiatrie et Neurosciences). Anteriormente professora da École Nationale Supérieure des Mines de Paris (Mines-ParisTech) e membro do conselho de administração da ONG Santé Diabète, ensinou filosofia política na American University of Paris e foi investigadora e docente no National Muséum national d'histoire naturelle.

No ensaio com o título programático *Le Soin est un humanisme*, publicado em 2019 sob a forma de *tract*, cujo título interpela o célebre texto de Jean-Paul Sartre *L'Existentialisme est un humanisme* (1945), Cynthia Fleury explicita a sua posição sobre o *cuidar*, pondo em causa um ponto de vista filosófico *per se* para recentrar a questão do humanismo no indivíduo “capacitário”, ou seja, nas particularidades intrínsecas do homem. Esta deslocação de ponto de vista para uma ética do *cuidar* sustenta-se ao mesmo tempo que entrelaça noções prementes do seu pensamento ético e clínico tais como a *imaginação verdadeira*, a excecionalidade, a vulnerabilidade, a autonomia. Nesse sentido, o cuidar deixa de ser um problema estritamente filosófico para ganhar uma dimensão fundamentalmente humana, um modo de ser, agir e enfrentar a existência no dia a dia: “o homem é aquilo que faz dele mesmo”.

1. O cuidar, ou o próprio do homem

Preconizar que “cuidar é um humanismo” é, como se percebe, fazer eco à conferência de 1945 Jean-Paul Sartre, *O existencialismo é um humanismo* [*L'Existentialisme est un humanisme*]. Não se aborda, na

mesma, a questão do cuidado. O texto de Sartre convida, todavia, a pensar esta noção. Constitui um passo decisivo, um passo subentendido, e este deve ser tornado explícito para dar ao existencialismo toda a sua amplitude humanista. O que é o homem para Sartre? Em que consiste a sua existência? O existencialismo “significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. (...) E, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens. (...) Logo, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela envolve a humanidade inteira.”

A atenção conferida a outrem atravessa o texto sartriano, ainda que o termo “cuidado” propriamente dito esteja ausente do texto. “Sou, desse modo, responsável por mim mesmo e por todos e crio determinada imagem do homem por mim mesmo escolhido; por outras palavras: escolhendo-me, escolho o homem.” Aí está a reviravolta do existencialismo em relação a um egotismo mais trivial, o “se” não designa o “mim”, designa, sim, o mundo, designa “si”, no sentido em que é geral. “Escolher-se”, para o homem, é indissociavelmente escolher os outros homens. Não há desde logo subjectividade sem tomada em consideração do humanismo intrínseco do homem, não há responsabilidade própria que não seja intrinsecamente uma responsabilidade para todos. O existencialismo nada é sem a questão do comprometimento ético do homem; logo, ser agente, existir, é fazer laço com o outro, é considerar a existência de todos como um desafio próprio. O homem faz-se. Ele *é aquilo que faz dele mesmo*. Fazer-se, é formar-se, é cuidar de. E este trabalho não se resume a uma tarefa de gestor. É, previamente – e deveria ser em última instância – um modo de atenção às coisas e aos usos. (...)

Considero, quanto a mim, que a defesa da excecionalidade do homem permanece a única maneira de imaginar e de manter o humanismo do género humano, no sentido em que este põe em causa a barbárie, na medida em que ele é este rosto capaz de por a nu o seu horror e o seu espectro. A excecionalidade do homem permanece, na nossa modernidade, uma ficção reguladora. Mas só se se interpretar com justeza, no plano da responsabilidade, da ética, do círculo da ética a fazer crescer, e não da impunidade.

Coloco essa excecionalidade do homem do lado do dever de simbolização e de sublimação, que nos permite não negar os nossos limites intrínsecos e as nossas falhas, mas destes fazer algo, construir uma sociedade que não seja a do ressentimento e um ser humano que não seja, também ele, objeto – ou sujeito – de pulsões mortíferas apenas. Se o homem faz exceção, é deveras do lado da responsabilidade, da obrigação ética e epistemológica que ele tem de perseguir essa tarefa “humanista”: formar o humano, mantê-lo mestre das suas formas e crítico das mesmas.

É preciso, assim, preocuparmo-nos em tornar os indivíduos “capacitários”, ou seja, conferir-lhes aptidão e soberania naquilo que são; compreender que a vulnerabilidade é conexas da autonomia, que densifica, que torna viável, humana; trabalhar para fazer com que essa vulnerabilidade seja, porém, o menos irreversível possível. Desejo representar e promover uma visão da vulnerabilidade que não seja deficitária, mas que seja, pelo contrário, inseparável duma nova força regeneradora dos princípios e dos usos. A vulnerabilidade é uma conjugação de hiper-constrangimentos os quais são, não raro, de antemão desvalorizados, estigmatizados pela sociedade como sendo não-performances, invalidantes e criadores de dependências. Mas ela convida-nos, a nós, os “outros”, a criar maneiras de ser e de conduta outras, precisamente, porquanto aptas a fazer face a essa fragilidade para não a reforçar, ou até mesmo para a preservar, dado que essa fragilidade pode ser fonte de raridade, de beleza, de sensibilidade

extrema. O que é deveras interessante na vulnerabilidade, para lá do facto de ser consubstancial a todo o homem e, nesse sentido, muito pouco específica, é que ela convida o homem a inventar um *ethos*, convida-o a produzir um gesto mais ciente da diferença do outro, uma atenção, uma qualidade inédita de presença face ao mundo e aos outros. A vulnerabilidade faz brotar em nós um ser, uma maneira de ser, um estilo de vida, um outro si-mesmo. (...)

3. O cuidar como elaboração imaginativa

Que ligação existe entre o cuidar, a saúde mental, o ser-no-mundo e a insubstitubilidade? Porquê interligar estas diferentes noções? “Um bebé é algo que não existe”, escrevia Winnicott, não para sugerir que um bebé não é um ser vivo, mas para sublinhar que ele não é espontaneamente um agente. Por outras palavras, um bebé é algo que não existe enquanto homem, enquanto individuo agente de si-mesmo, sujeito, mas como um ser vivo dependente de alguém sustentando o seu mundo para que ele aí floresça. Onde se consolida a individuação deste homem futuro? Onde se consolida esta “insubstitubilidade”, esta subjetivação que se compromete? Onde ganha raiz senão numa outra “insubstitubilidade” que é a da parentalidade? Para Winnicott, é na mãe. Mas podemos alargar esta perspetiva e argumentar que ela pode depender dum cuidar tal-qualmente singular sem ser necessariamente familiar. Winnicott define esse cuidar como a elaboração imaginativa da mãe. É este é o termo importante: elaboração imaginativa. Serão as nossas instituições capazes de elaboração imaginativa? A que tipo de elaboração imaginativa estarão dispostos os nossos cuidadores.

Aqui está uma definição do cuidar. Trata-se de imaginação verdadeira no sentido em que a entendia o Renascimento: *imaginatio vera*. Temos de entender que imaginação e cuidado permitem-nos constituir uma relação ao mundo, de tornar habitável o real. Abandonemos

a preocupação materna primeira ou primordial, lembremos tão-só que Winnicott faz dela uma metáfora do trabalho terapêutico: “O que fazemos em terapia é tentar imitar o processo natural que caracteriza o comportamento de qualquer mãe na relação ao seu filho.” E ainda “A saúde mental existe apenas e se um desenvolvimento anterior tiver permitido a sua identificação. (...) A saúde mental é (...) o resultado dos cuidados ininterruptos que permitem uma continuidade do desenvolvimento afetivo pessoal.” (1952).

Estamos a viver uma nova crise da subjetividade, situada na confluência de várias pressões: a pressão da racionalização económica, que quer fazer de nós um número, que quer fazer do qualitativo um quantitativo; a pressão tecnológica e digital, que tende em reduzir o sujeito aos seus dados, a pressão neuro-melhorativa, que desconsidera também ela a noção de aperfeiçoamento humano, substituindo-lhe a ideia de aumento; a pressão política e democrática, por fim, que desusbtancializa o estado social ao pensar proteger o Estado de direito, quando este se torna na realidade sombra de si-mesmo e portador de princípios cada vez mais liberticidas. O mundo do cuidado e da saúde é o terreno por excelência desta experimentação da crise do sujeito nos pacientes como nos profissionais de saúde. A ameaça é tanto maior que a saúde, tal como a educação, é o lugar privilegiado da construção e da proteção da pessoa.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE

MARIA DE JESUS CABRAL

Universidade do Minho